ORIGEM DA DEVOÇÃO A S. FRANCISCO DAS CHAGAS DE CANINDÉ

FREI VENÂNCIO WILLEK, OFM
Rio de Janeiro

O historiador moderno não se contenta com piedosas lendas e multisseculares tradições quando se trata de explicar a origem de santuários e devoções populares. Embora o povo simples valorize as suas devoções prediletas justamente pelo grande número ou sem-número de fatos miraculosos ligados a algum santo ou santuário, as pesquisas científicas, deixando de lado tudo quanto não conste històricamente, procuram tirar à luz do dia o verdadeiro fundo histórico, geralmente esquecido ou envolvido na penumbra do misterioso. Essas pesquisas se impõem tanto mais, porque o homem crítico da nossa era já não se satisfaz com fatos inverossímeis e repetidos estereotìpicamente na origem de muitas devoções e igrejas.

Quem aceita p. ex. a ingênua origem lendária de capelas e igrejas atribuída ao aparecimento de alguma imagem em plena mata e que, levada à igreja mais vizinha, teria voltado ao mesmo lugar para assim dar a entender a vontade do santo de ser venerado no local indicado? Tal lenda, muito espalhada em Portugal e em tôda a Europa, proliferou no Brasil de Norte a Sul, desde o comêço da colonização (1).

Quem visita a basílica de São Francisco das Chagas em Canindé

1. Encontramos esta lenda aplicada a Sto. Antônio, nas paróquias de Sto. Antônio do Cabo (Pernambuco), de Campo Formoso (Bahia) e de Alenquer do Pará.

(Ceará) pergunta espontâneamente como foi possível no adusto sertão desenvolver-se e conquistar tamanha popularidade uma devoção que em outras partes do Brasil é menos acentuada. O sem-número dos peregrinos se baseia geralmente nas piedosas lendas que, eivadas de milagres inauditos, desde cedo substituíram entre o pôvo a origem histórica da devoção e do santuário canindeenses, de modo que, hoje em día, pouco sabemos a respeito do Alverne cearense. Procuremos nestas linhas recompor tanto quanto possível o longo passado do culto franciscano.

Na devoção franciscana, há três motivos principais por ter conquistado a simpatia do povo: 1º. o nascimento do patriarca assisiense segundo a lenda tão parecido ao de Cristo — pois teria nascido num estábulo e as circunstâncias difíceis por que então a mãe do santo teria passado, do modo que as gestantes até o presente proclamam São Francisco seu advogado; 2º. a estigmatização, fato històricamente provado e privilégio que, antes do nosso santo, outro nenhum gozou, razão por que mereceu uma festa particular na Igreja e o carinho filial das três Ordens seráficas, que a tornaram popularíssima no orbe cristão; 3º. a morte invulgar do "Poverello" e a anual cerimônia comemorativa do "Trânsito" que constituíram o santo guia das almas para o outro mundo e libertador do purgatório, e tudo isto justamente pelos merecimentos das sagradas chagas.

É natural que a nossa entrada neste mundo e a saída dêle representem para todo cristão fatos importantíssimos que de bom grado se confiam à proteção de um padroeiro celeste; e como a morte feliz formasse antigamente o cuidado principal do homem sujeito a freqüentes epidemias e guerras, tornou-se o seráfico santo um dos padroeiros prediletos, cujo hábito servia de mortalha defensora (2) e cujos estigmas eram invocados em favor das almas, conforme esclarece a gravura da missa gregoriana (veja clichê) em que o Serafim de Assis ergue as mãos chagadas como símbolos e mananciais de seu grande poder (3). Em muitos painéis semelhantes, aparece São Francisco qual guia e padroeiro das almas porque a "lenda franciscana das almas" lhe atribui um amor especial para com os defuntos, acrescentando a tradição de ter o mesmo santo solicitado o privilégio da misericórdia divina a favor de seus filhos, devotos e amigos das três Ordens

2. "Sempre se conhecia e praticava, entre os devotos de São Francisco, o costume de usar o hábito franciscano como mortalha". (Ver Frei Odulfo van der Vat, OFM, "Princípios da Igreja no Brasil", Petrópolis, 1952, pág. 119). Os próprios reis como D. João V queriam ser enterrados com o hábito franciscano, segundo atesta Frei Antônio de Sta. Maria Jaboatão, OFM, no seu célebre "Novo Orbe Seráfico Brasílico", Rio, 1858, II, pág. 792.

3. O original se acha no museu nacional germânico de Nuremberg.

seráficas, onde transparece a adaptação do privilégio sabatino atribuído a Nossa Senhora do Carmo.

Baseia-se a citada lenda franciscana das almas no precioso livro "I Fioretti" que nos transpõe ao Monte Alverne onde Cristo teria falado ao santo recém-estigmatizado, nos seguintes têrmos: "Sabes o que te fiz? Dei-te os sinais de minha paixão a fim de que sejas o meu gonfaloneiro. E como no dia de minha morte, desci ao limbo, e tôdas as almas que ali achei, em virtude dos meus estigmas, tirei-as e levei-as ao paraíso; assim te concedo desde já a fim de que me sejas tão conforme na morte como o tens sido na vida, que tu desde que passes desta vida, cada ano, no dia de tua morte, vás ao purgatório e tôdas as alma de tuas três Ordens, i é., menores, irmãs e continentes, e além destas, todos os teus devotos que encontrares, dali as tires em virtude dos teus estigmas os quais te dei e as leves ao paraíso". (4). Não pensemos, entretanto, que apenas o povo tenha aceito a devoção ao santo estigmatizado. A literatura clássica aproveitou o piedoso motivo franciscano, confessando Dante na "Divina Comédia", a respeito do cordão da penitência: "Eu era militar; tomando o cordão supunha favorecer a minha alma e obter a salvação" (5), enquanto Lope de Vega em sua poesia "Os estigmas" exalta o hábito e o cordão:

"E, porisso, tantos reis
Sôbre seus brocados ricos
Puseram vosso hábito,
Por mais precioso vestido.

Vosso cordão é a escada
De Jacó; pois vimos muitos
Pelos nós de seus degraus
Subirem ao céu empírico." (6)

O próprio "Faust" de Goethe menciona o alto poder de São Francisco, representando êste por "Pater Seraphicus" cuja intercessão é interpretada à maneira da lenda de "I Fioretti" (7). Na literatura portuguêsa sobressai o tratado que Frei Marcos de Lisboa, OFM, em

4. "I Fioretti", tradução de Durval de Morais, Petropólis, 1940, pág. 187s. São Francisco fundou três ordens religiosas hoje comumente chamadas de: Ordem Franciscana, Ordem das Clarissas e Ordem 3a.

5. Dante — "Divina Comédia", cap. 27.

6. Apud P. Paschalis Neyer OFM, "Der Hl. Franziskus und die Armen Seelen seiner 3 Orden, in Kirchengeschichtliche Studien", Kolmar, 1941, pág. 29ss.

7. Frei Mansueto Kohnen, OFM, "Goethe e Francisco de Assis", in Vozes de Petrópolis, julho-agôsto de 1949, pág. 457.

1562, publicou sôbre a estigmatização, na sua "Crônica das Ordens fundadas pelo Pai São Francisco".

As belas artes talvez superem a literatura em obras-primas a enaltecerem a impressão das chagas, orçando em centenas os painéis e gravuras. Em abono da devoção espalhada em Portugal, sirva o baixo-relêvo gravado na arca tumular del Rei D. Fernando I, representando a cena do Monte Alverne a modo de Giotto e remontando ao século XIV (8).

A popularidade da "lenda franciscana das almas" e da devoção franciscana em terras de Santa Cruz é comprovada, entre outros, por dois antigos quadros existentes na sacristia e na portaria do convento de São Francisco da Bahia (9) e nos azulejos do claustro franciscano olindense (10) onde o santo desce ao purgatório para livrar as almas padecentes. Também as antigas crônicas do Brasil-colônia referem a carinhosa difusão do culto franciscano, sob o mesmo ponto de vista, contando Frei Manuel da Ilha, OFM (11), e Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, OFM (12), um mesmo caso da missão franciscana de São Miguel, em que, por volta de 1600, São Francisco das Chagas aparece a um índio cristão recém-falecido, livrando-o das garras do demônio e restituindo-o à vida para o próprio agraciado contar o miraculoso fato e comparar a aparição com o santo estigmatizado do painel que se venerava na capela da missão. Levando-se em conta o culto que os nossos silvícolas prestavam aos seus defuntos, não admira a sua simpatia para com o Libertador das almas.

Não há dúvida que os colonos portuguêses tenham trazido para o Brasil a devoção franciscana, tão florescente na Europa ao tempo dos descobrimentos. Mas, o quinhão principal na difusão do culto franciscano cabe decerto aos missionários seráficos, segundo podemos deduzir da primeira igreja do Brasil levantada ao nosso santo entre os índios Tupiniquins do Pôrto Seguro, como também do painel da estigmatização venerado pelos Caetés da missão de S. Miguel, para lembrar apenas êstes dois exemplos do século XVI. Isto não quer dizer que a de-

---

8. Diogo de Machado, "Algumas obras de arte portuguêsa — Album nº. 1". Lisboa, 1940. O autor do baixo-relêvo é desconhecido.

9 Frei Pedro Sinzig, OFM, "São Francisco de Assis e seu culto no Brasil", M. Gladbach, 1926, pág. 149. O motivo da estigmatização aparece em muitíssimos quadros, azulejos e grupos plásticos do Brasil, e não apenas em institutos franciscanos, mas também nas igrejas confiadas ao clero secular, p. ex., na matriz de Cachoeira (Bahia).

10. Frei Pedro Sinzig, OFM, op. cit., pág. 70.

11. Frei Manuel da Ilha, OFM, "Divi Antonii Brasiliae Custodiae enarratio seu relatio, 1621" (manuscrito), fôlha 294.

12. Frei Antônio de Sta. Maria Jaboatão, OFM, op. cit., 1, 2, pág. 367.

voção para com o santo estigmatizado tenha tomado entre os franciscanos do Brasil o primeiro lugar; pois êste cabia ao taumaturgo português, por motivos óbvios, máxime depois da fundação da custódia de Santo Antônio, em 1585, e com sede em Olinda (13).

Se no Ceará predomina o culto de São Francisco sôbre o antoniano, explica-se em parte pela falta de conventos franciscanos em tôda aquela região, durante os quatro primeiros séculos, afora duas residências da Ordem que temporàriamente havia em Fortaleza, desde a fundação realizada em 1624 por Frei Cristóvão Severim de Lisboa, e em Quixeramobim, durante a segunda metade do século XVIII (14), como também pela atividade conjunta de várias entidades seráficas. É que, na primeira metade do século XVIII, já havia terciários seculares de São Francisco residentes no Ceará e afiliados à fraternidade do Recife, cujo padroeiro, desde a fundação, vem a ser o santo estigmatizado. Destacava-se, entre os terceiros franciscanos cearenses, o fundador de Quixeramobim, Antônio Dias Ferreira, ao qual o Sr. Ismael Pordeus dedicou interessantíssimo estudo ao ensejo do bicentenário de Quixeramobim em 1955 (15).

Outrossim, estão aí como fautores do culto seráfico os esmoleres franciscanos do Recife, máxime Frei Manuel de Santa Maria e São Paulo, (desde 1758) e como sucessores Frei Bartolomeu dos Remédios, Frei José de Santa Clara Monte Falco e Frei José de Santana Firmo, os quais nas suas viagens desobrigavam o povo cearense e em particular os moradores da zona canindeense, constando os seus atos dos livros paroquiais de São José de Ribamar-Fortaleza, desde 1758 até o incipiente século XIX, enquanto da mesma época consta pela tradição oral a passagem de Frei Vital de Frascarolo, como único missionário capuchinho, pela região de Canindé, mais ou menos em 1797, e tanto mais a atividade dos seus confrades por tôda a então capitania cearense, onde pregavam missões populares e catequizavam os índios de Miranda, atual Crato, admitindo também irmãos terciários avulsos para a fraternidade recifense, segundo esclarecem os livros de entradas e profissões ainda existentes.

Um documento daquela época vem muito a propósito. Pois, quando os canindeenses em 1801 pleiteavam foros de paróquia, após ter fracassado o plano de fundarem um convento franciscano, junto do

13. Gilberto Freyre e outros autores — "Província Franciscana de Sto. Antônio no Brasil, 1657-1957", Recife, 1957.

14. Ismael Pordeus, "Antônio Dias Ferreira e a Matriz de Quixeramobim", série de artigos in "O Nordeste", Fortaleza, 1955, nº XXIII.

15. ibidem, nº II, e "Livro de entradas nº 2, de 1712 a 1772", fls. 72r., com a data de 14-12-1734, e "Livro de profissões, nº 2, de 1722 a 1778", fls. 64v., com a data de 24-2-1739.

santuário (16), o então vigário de São José de Ribamar, Pe. Cláudio Álvares da Costa, salienta os merecimentos de um religioso, sem lhe declinar o nome: "sei, na verdade, que os povos daqueles distritos (de Canindé) deveriam ser gratos aos grandes benefícios que receberam do religioso... pois a êle devem e ao falecido Francisco Xavier de Medeiros ter a igreja de São Francisco de Canindé" (17). Trata-se aqui provàvelmente do franciscano Frei José de Santa Clara Monte Falco, o qual de 1781 até 1800 por muitas vêzes prestou assistência religiosa ao povo do interior e em particular ao de Canindé.

Afirmamos, pois, sem receio de errar, que franciscanos, capuchinhos e terciários seculares contribuíram para a propaganda do culto de São Francisco no Ceará e de modo especial em Canindé, surtindo tanto mais resultado porque, interrompida a catequese jesuítica com a expulsão da Companhia em 1758, prosseguiu e intensificou-se a atividade franciscana conjunta, prevalecendo também entre as devoções aos vários santos, chamados Francisco, o culto ao estigmatizado.

Segundo o Senador Pompeu (18), foi em 1775 que se construiu na ribeira do Canindé ou na então fazenda Renguengue a primeira capela a São Francisco das Chagas. Não há outra fonte a confirmar esta notícia. Mas, dadas as repetidas reclamações dos visitadores eclesiásticos que reprovavam a celebração da Santa Missa em casas particulares e ao ar livre, não estranha o ano nem o local quase desabitado (19).

Há porém várias razões que fazem supor uma interrupção das obras de construção ou ao menos uma capela muito acanhada. Pois os livros paroquiais deixam de mencionar qualquer ato litúrgico nela celebrado e uma escritura datada de 1787 (20) oferece a fazenda Sta. Rosa a "São Francisco das Chagas ao qual os moradores da ribeira do rio Canindé pretendem erguer uma igreja". Seja como fôr, tanto a primitiva capela, como a igreja projetada em 1787 e terminada dez anos após, demonstram que o santo das Chagas gozava da devoção geral.

16. O requerimento de 1796 deixou de ser atendido porque desde os começos do século 18 o govêrno colonial proibia a fundação de novos conventos no Brasil.

17. "Livro de registro de ofícios do Tribunal do Desembargo do Paço, Mesa da consciência e ordens, 1814-1819", (manuscrito) no Arquivo Público do Ceará.

18. Tomás Pompeu de Sousa Brasil, "Ensaio Estatístico da Província do Ceará", Fortaleza, vol. 2º, 1864, pág. 168.

19. Livro de Tombo da paróquia de N. Sra. do Rosário, de Russas — Ceará, fl. 22, referente ao ano de 1735.

20. Arquivo do Patrimônio de S. Francisco das Chagas de Canindé, coleção: Testamentos, doc. 1.

O que até aqui provamos é: 1º., a origem européia da devoção franciscana, baseada que foi tanto nas lendas como em motivos històricamente certos, pertencendo a êstes a estigmatização de São Francisco; 2º. a difusão desta devoção tanto no Brasil inteiro, como em particular no Ceará e na zona de Canindé. Não se atribui o culto franciscano em Canindé a uma origem repentina e milagrosa, mas sim paulatina e natural, nem a fatôres lendários e sim históricos segundo acabamos de verificar.

Enquanto a verdadeira história da devoção canindeense é geralmente ignorada, a massa dos devotos de São Francisco sabe e aprecia apenas as lendas miraculosas ligadas à construção do santuário e ao benemérito mestre das obras, Francisco Xavier de Medeiros, lendas estas tanto do gôsto setecentista como ainda do nosso povo simples, mas desde já muito abandonadas pelo homem letrado que prefere dados críticos. Eis o motivo por que se tornam imprescindíveis as pesquisas históricas acêrca da genuína origem de um culto que se acha espalhado em todo o Norte do País.

Assim como a própria devoção franciscana constitui uma preciosa herança, vinda da Europa, também os costumes à mesma vinculados encontraram fértil terreno, desde os primórdios da colonização brasileira. Os testamentos dos nossos avoengos pregam alto e bom som a aplicação do hábito-mortalha de São Francisco à moribundos e defuntos, embora nunca tenham faltado adversários que com razões convincentes pretendessem ridicularizar a quem na hora da morte se amortalhasse no burel franciscano como querendo enganar o Juiz eterno mediante o hábito religioso. Mas, em 1º lugar, não se concedia o hábito senão aos verdadeiramente contritos, e caso o enfêrmo assim amortalhado escapasse, continuava êle de hábito no convento para o resto da sua vida, como p. ex. Wambra, rei dos visigodos, observando a regra da Ordem (21). Em 2º lugar, êste costume esclarece maravilhosamente o alto conceito de virtude e merecimento em que os fiéis têm a Ordem religiosa (22).

Os romeiros canindeenses transformaram o hábito-mortalha em troféu sôbre doenças e morte, vestindo o burel franciscano, desde o comêço da romaria até à última obrigação cumprida em Canindé, para depô-lo entre os ex-votos da chamada "Casa dos Milagres" rente à ba-

---

21. A. Kobles, S. J. "Katholisches Leben im Mittelalter", Innsbruck, 1887, I pág. 711s.

22. A Província Franciscana de Sto. Antônio no Brasil obteve em 16-2-1746 um Breve do Núncio Apostólico em favor e defesa dêste costume contra aquêles que difamam o hábito franciscano, alegando os franciscanos as bulas de Xisto IV e as indulgências concedidas a quem fôr enterrado de hábito-mortalha (Tôrre do Tombo, Lisboa, Sto. Antônio dos Capuchos, maço 4).

do Tombo, Lisboa, Sto. Antônio dos Capuchos, maço 4).

sílica de São Francisco das Chagas. Papel importante exerce também o simples cordão franciscano, obrigatório para todos os irmãos da Ordem Terceira de São Francisco e os da Confraria dos Cordígeros, à qual antigamente pertenciam também tôdas as irmandades de São Benedito, o Prêto (23). A predileção pelo cordão não admira, à vista das citações supra de Dante e Lope de Vega.

Um costume genuinamente brasileiro e proveniente do paganismo dos nossos silvícolas, embora aos poucos cristianizados, representa o freqüente sacrifício das tranças de cabelo a São Francisco. Ainda que apareça também noutros santuários, de modo especial se aplica ao padroeiro das gestantes; pois o cabelo simboliza, entre os povos primitivos, a fecundidade, dado o seu rápido crescimento (24).

Finalizando êste modesto trabalho, deixamos aqui consignada a intenção que nos guiou de ver o culto de São Francisco isento de tôda interpretação falsa, salientando a um tempo o milagre da estigmatização como lição para a vida cristã: Sêde meus imitadores como eu o fui de Cristo. A finalidade do culto franciscano se reduz a estas palavras: Por Francisco a Cristo.

---

23. Frei Venâncio Willeke, OFM, "Convento de Sto. Antônio de Ipojuca", separata da revista do PHAN, vol. 13-1956, Rio de Janeiro, 1956, pág. 46.

24. Frei Venâncio Willeke, OFM, "Altherkommliche Brasilianische Pilgerbrauche", in "Staden-Jahrbuch", vol. VI — São Paulo, 1958, pág. 107.